

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
FACULDADE DE PSICOLOGIA - FAPSI  
CURSO DE PSICOLOGIA

MIKELEN OLIVEIRA DE CARVALHO

**DA COBRANÇA AO ADOECIMENTO: A CULTURA ACADÊMICA NA  
PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA HIERÁRQUICA**

MANAUS

2025

MIKELEN OLIVEIRA DE CARVALHO

**DA COBRANÇA AO ADOECIMENTO: A CULTURA ACADÊMICA NA  
PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA HIERÁRQUICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia da  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM),  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Gomes Souza

MANAUS

2025

### Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- C331c Carvalho, Mikelen Oliveira de  
Da cobrança ao adoecimento : a cultura acadêmica na  
perpetuação da violência hierárquica / Mikelen Oliveira de  
Carvalho. - 2025.  
29 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Ronaldo Gomes Souza.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, Curso de  
Psicologia, Manaus, 2025.
1. Violência hierárquica. 2. Cultura acadêmica. 3. Assédio moral.  
4. Adoecimento discente. 5. Relações de poder. I. Souza, Ronaldo  
Gomes. II. Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de  
Psicologia. Curso de Psicologia. III. Título
-

FOLHA DE APROVAÇÃO

MIKELEN OLIVEIRA DE CARVALHO

**DA COBRANÇA AO ADOECIMENTO: A CULTURA ACADÊMICA NA  
PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA HIERÁRQUICA**

Aprovado em 16/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof Dr Ronaldo Gomes Souza - UFAM

Orientador

---

Mestranda Anne Caroline dos Santos Maciel - UFAM

Avaliadora

---

Doutoranda Erika Priscilla de Freitas Hounsell - UFAM

Avaliadora

## RESUMO

A universidade representa um espaço paradoxal: simultaneamente formador e reproduzidor de desigualdades. Este trabalho analisa como a cultura acadêmica, centrada na cobrança excessiva e nas hierarquias de poder, perpetua o assédio moral no ensino superior. O objetivo foi compreender como relações autoritárias, pressões institucionais e práticas de violência simbólica se materializam no cotidiano da graduação, impactando a saúde mental e a permanência dos estudantes. A pesquisa foi realizada com estudantes de graduação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Utilizou-se abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas, cujos dados foram analisados pelo software Iramuteq através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Os resultados identificaram seis classes semânticas que revelam, estratégias de autocuidado como resistência ao adoecimento; experiências concretas de assédio moral perpetrado principalmente por docentes; demandas institucionais de políticas de proteção e apoio; impactos emocionais do assédio; trajetórias pessoais marcadas por violências múltiplas; e interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe na universidade. A cobrança acadêmica exacerbada, associada a estrutura institucional, legitima práticas invisibilizadas de violência como humilhação, sobrecarga e silenciamento. Conclui-se que o enfrentamento do assédio moral requer transformações nas bases culturais que o perpetuam, não apenas em suas manifestações pontuais. Políticas institucionais devem incluir prevenção, acolhimento, responsabilização dos perpetradores e garantia de direitos dos estudantes.

**Palavras-chave:** violência hierárquica; cultura acadêmica; assédio moral; adoecimento discente; relações de poder.

## ABSTRACT

The university represents a paradoxical space: simultaneously a site of formation and a reproducer of social inequalities. This study analyzes how academic culture, marked by excessive demands and rigid power hierarchies, perpetuates moral harassment in higher education. The objective was to understand how authoritarian relationships, institutional pressures, and practices of symbolic violence manifest in undergraduate life, affecting students' mental health and academic persistence. The research was conducted with undergraduate students from the Federal University of Amazonas (UFAM). A qualitative approach was adopted through semi-structured interviews, and the data were analyzed using the Iramuteq software through Descending Hierarchical Classification (DHC). The results identified six semantic classes that reveal: strategies of self-care as forms of resistance against psychological distress; concrete experiences of moral harassment, mostly perpetrated by faculty members; institutional demands for effective protection and support policies; emotional impacts associated with harassment; personal trajectories marked by multiple forms of violence; and the intersectionality of gender, race, and class-based oppressions within the university context. The findings indicate that the exacerbated academic pressure, reinforced by institutional structure, legitimizes invisible forms of violence such as humiliation, overload, and silencing. It is concluded that addressing moral harassment in the university requires transforming the cultural foundations that sustain it, rather than focusing solely on isolated incidents. Institutional policies must involve prevention, support, accountability of perpetrators, and the guarantee of students' rights.

**Keywords:** hierarchical violence; academic culture; moral harassment; student illness; power relations.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Assédio Moral</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Relações de Poder na Universidade</b>	<b>10</b>
<b>2.3 Cultura Institucional e Universidade</b>	<b>12</b>
<b>2.4 Consequências do Assédio Moral na Saúde Mental</b>	<b>12</b>
<b>3. OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>13</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>15</b>
<b>5.1 Classe 1: Autocuidado e Prevenção ao Adoecimento (13.35%)</b>	<b>16</b>
<b>5.2 Classe 2: Vivências de Assédio e Violência Institucional (17.76%)</b>	<b>17</b>
<b>5.3 Classe 3: Propostas de Intervenção e Suporte Institucional (12.90%)</b>	<b>19</b>
<b>5.4 Classe 4: Impactos Emocionais e Experiências Cotidianas (19.80%)</b>	<b>21</b>
<b>5.5 Classe 5: Trajetórias Pessoais e Construção Identitária (12.44%)</b>	<b>22</b>
<b>5.6 Classe 6: Questões de Gênero e Contextos Sócio-Familiares (23.75%)</b>	<b>23</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A universidade, historicamente concebida como locus de formação crítica e emancipatória, revela também, em seu cotidiano, a persistência de relações hierárquicas que favorecem práticas de cobrança excessiva, vigilância constante e naturalização da violência simbólica.

Longe de ser mero efeito colateral, a cultura acadêmica marcada por competitividade e autoritarismo se consolida como base para a perpetuação de diferentes formas de violência, do assédio moral ao silenciamento de vozes dissidentes, que produzem sofrimento psíquico coletivo e comprometem o sentido da experiência universitária (SILVA; RÉGO, 2021).

No espaço da graduação, a assimetria entre docentes e discentes, reforçada por tradições institucionais e modelos pedagógicos herdados, cria um terreno fértil para o adoecimento estudantil, manifestando-se através de ansiedade, depressão, insônia, evasão e isolamento social. Ainda que iniciativas institucionais busquem tematizar a saúde mental, observa-se uma distância entre o discurso do cuidado e práticas efetivas de enfrentamento das estruturas que sustentam a violência (OLIVEIRA; VÉRAS, 2023).

A relevância desta pesquisa se sustenta pela dimensão do problema, amplamente evidenciada na literatura. Pesquisas recentes mostram que estudantes universitários brasileiros apresentam índices preocupantes de transtornos mentais, especialmente ansiedade e depressão, frequentemente relacionados às pressões acadêmicas e às experiências de assédio vivenciadas no contexto universitário (GRANER; CERQUEIRA, 2019).

Esses achados confirmam a necessidade de compreender não apenas os efeitos do assédio, mas também como as estruturas hierárquicas e a cultura acadêmica produzem e perpetuam essas condições. Complementarmente, dados mostram que mais de 70% dos universitários apresentam sintomas compatíveis com síndrome do impostor, elevando significativamente os índices de adoecimento mental e revelando como as exigências institucionais comprometem a permanência e o sucesso formativo (DANTAS et al., 2025).

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho contribui para o campo da Psicologia, especialmente a Psicologia Social e Organizacional, ao articular perspectivas teóricas robustas sobre poder (FOUCAULT, 1979; BOURDIEU, 1998), cultura institucional (CHAUÍ, 2003) e adoecimento psíquico (DEJOURS, 1992) com

dados qualitativos sobre vivências reais de estudantes. Esta integração teórica oferece uma compreensão multidimensional do fenômeno, permitindo ir além de interpretações psicologizantes que culpabilizam individualmente os estudantes por seu sofrimento, reconhecendo a responsabilidade estrutural das instituições. No campo social, os achados podem fundamentar discussões críticas sobre processos de reprodução de desigualdades na universidade e contribuir para a construção de referenciais teóricos que articulem educação, saúde mental e justiça social.

Diante desse cenário, faz-se imperativo compreender de que forma a cultura acadêmica, centrada na lógica da cobrança e da hierarquia, contribui não apenas para episódios pontuais de assédio, mas para a constituição estrutural de um ambiente adoecedor e excludente.

Ao evidenciar como a cobrança exacerbada e as hierarquias rígidas legitimam práticas de violência frequentemente invisibilizadas, esta análise contribui fundamentalmente para a desnaturalização de práticas autoritárias e violentas, processo essencial para mobilizar mudanças culturais profundas. Conforme aponta a literatura sobre transformação de culturas institucionais, não é possível lidar com a violência apenas em momentos emergenciais; é necessário criar espaços sistemáticos de escuta, diálogo e aprendizagem coletiva (SCHEIN, 2010).

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Assédio Moral**

O assédio moral pode ser compreendido como uma forma de violência psicológica reiterada, caracterizada por condutas hostis, sutis ou explícitas, que visam fragilizar emocionalmente a vítima e comprometer sua dignidade (HIRIGOYEN, 2008). Distingue-se pela sua natureza sistemática e prolongada, evidenciando-se através de atos, gestos, palavras e comportamentos vexatórios, humilhantes, degradantes e constrangedoras que se repetem no bojo de um procedimento destinado a atentar contra a integridade psíquica e a saúde do assediado. A reiteração constitui elemento essencial do assédio moral, diferenciando-o de agressões morais isoladas, que embora repreensíveis, não configuram o específico em questão. No contexto brasileiro, Freitas, Heloani e Barreto (2008) destacam que tais práticas ocorrem em diferentes organizações, incluindo as instituições de ensino superior, muitas vezes legitimadas pela hierarquia acadêmica.

No espaço universitário, o assédio moral assume características particulares, uma vez que se encontra permeado por relações assimétricas entre discentes e docentes, orientadores e orientandos. Cavalcante et al. (2025) observam que, na graduação, o assédio moral tende a ser invisibilizado pelas próprias instituições, tanto pela ausência de protocolos de denúncia realmente eficazes quanto pela cultura do silêncio e da hierarquia que permeia o ambiente universitário, dificultando o reconhecimento, a responsabilização e a prevenção desse tipo de violência. Essa invisibilidade favorece a perpetuação de abusos e compromete a construção de ambientes acadêmicos saudáveis.

Nesse sentido, Oikawa e Garcia (2021) apontam que a dinâmica institucional das universidades prejudica as relações interpessoais e dificulta a formação de vínculos afetivos entre professores e alunos, evidenciando uma forte presença de assédio moral no ambiente universitário, frequentemente associada a práticas de constrangimento, desqualificação e tratamento discriminatório por parte de docentes. Essa dinâmica, analisada sob a ótica da psicodinâmica do trabalho, evidencia como a organização do trabalho acadêmico pode ser fonte tanto de prazer e realização quanto de intenso sofrimento, especialmente quando as práticas de assédio são naturalizadas como parte da cultura (MENDES, 2007).

## **2.2 Relações de Poder na Universidade**

O conceito de poder é central para compreender o assédio moral e suas manifestações nas instituições de ensino superior. Foucault (1979) propõe a noção de microfísicas do poder, segundo a qual o poder não está apenas concentrado em instituições ou sujeitos específicos, mas circula de maneira difusa nas práticas sociais cotidianas. Este entendimento é fundamental para análise do ambiente universitário: o poder não reside apenas nas mãos da reitoria ou dos departamentos, mas permeia todas as relações, desde a sala de aula até os momentos informais de convivência, assim, as relações entre docentes e discentes são atravessadas por jogos de poder que, quando assimétricos, podem favorecer o abuso.

Bourdieu (1998) contribui significativamente para essa discussão ao analisar o campo acadêmico como espaço não de colaboração igualitária, mas de disputas simbólicas competitivas. No campo acadêmico, segundo Bourdieu (1998), o capital científico e cultural funciona como moeda de poder que legitima hierarquias e diferenciações entre agentes. Aqueles que acumulam maior capital (publicações, prestígio, titulações) conquistam posições privilegiadas que lhes permitem definir o

que é válido, o que é conhecimento legítimo e, implicitamente, quem merece reconhecimento e quem não.

Esta lógica de dominação simbólica sustenta práticas autoritárias que são frequentemente naturalizadas e internalizadas pelos próprios estudantes como parte inevitável da vida acadêmica. Chauí (2001), por sua vez, diferencia a universidade como instituição e como organização, mostrando como a lógica burocrática e de controle pode reforçar comportamentos autoritários que alimentam situações de assédio moral.

Não obstante, Rosa (2017) oferece uma análise comparativa do poder em Bourdieu e Foucault, destacando que, em ambos os autores, os indivíduos são constrangidos por relações exteriores que muitas vezes não são conscientes percebidos. Essa análise evidencia como as assimetrias de poder na universidade operam de forma invisibilizada.

Nesta perspectiva teórica integrada, a universidade não é um espaço neutro de transmissão de conhecimento, mas um campo atravessado por relações de poder estruturantes. As hierarquias não são meramente administrativas ou funcionais, mas epistemológicas: definem-se quais conhecimentos são legítimos, quem tem direito de fala, cujas pesquisas importam. O assédio moral, portanto, não é apenas questão individual de pessoas "más" ou "autoritárias" em posições de poder, mas expressão de estruturas de dominação que operam de forma sistemática e frequentemente naturalizada na cultura institucional.

### **2.3 Cultura Institucional e Universidade**

A cultura Institucional constitui um dos fatores mais determinantes para a manutenção ou enfrentamento do assédio moral. De acordo com Schein (2010), trata-se de um conjunto de pressupostos básicos, crenças e valores compartilhados que moldam as práticas institucionais. Esses pressupostos são expressos em diferentes níveis, artefatos visíveis, valores declarados e suposições inconscientes, e moldam as práticas institucionais, os estilos de gestão, as formas de comunicação e os modos de exercício do poder no interior da universidade

No contexto acadêmico, essa cultura institucional assume feições específicas. As universidades, especialmente públicas, são atravessadas por fortes planos formais e informais, por sistemas de avaliação meritocráticos e por uma lógica de produtividade que tende a valorizar o desempenho individual, a competição por recursos escassos (bolsas, cargas, financiamento, prestígio científico) e a

visibilidade acadêmica. Como destaca Maito et al. (2022), a vida universitária é frequentemente marcada por relações assimétricas, práticas de humilhação, exclusão e outras formas de violência, entre as quais a violência moral, que incide sobre estudantes, docentes e técnicos, afetando trajetórias acadêmicas, saúde mental e permanência estudantil. Nesse cenário, culturas institucionais altamente competitivas, individualistas e hierarquizadas tendem a favorecer o surgimento e a naturalização de relações hostis e práticas violentas no ambiente acadêmico, incluindo o assédio moral.

Nunes (2016), ao investigar a relação entre cultura organizacional e assédio moral no trabalho em uma universidade federal, evidencia como determinados elementos culturais funcionam como “solo fértil” para práticas de violência psicológica. Não obstante, o não reconhecimento do assédio moral como um problema institucional e a ausência de políticas eficazes de combate contribuem para o silenciamento das vítimas e para a banalização do autoritarismo nas relações acadêmicas (SILVA; OLIVEIRA, 2023). De forma mais ampla, Cardoso Jr. et al. (2022) conceituam a violência institucional como um método de governo caracterizado por práticas que visam fragilizar, deslegitimar e desorganizar as instituições públicas, evidenciando como a cultura organizacional pode ser instrumentalizada para fins autoritários.

#### **2.4 Consequências do Assédio Moral na Saúde Mental**

Dejours (1992), em seus estudos sobre psicopatologia do trabalho, demonstra como contextos organizacionais marcados por relações de dominação e violência psicológica podem desencadear processos de adoecimento mental. No ambiente acadêmico, o assédio moral perpetrado por figuras de autoridade, como professores e orientadores, compromete não apenas o desempenho acadêmico, mas a estrutura psíquica dos estudantes.

Clinicamente, a vivência continuada de situações de assédio desencadeia um quadro sintomatológico complexo. Estudos recentes, como os de Galvão da Silva et al. (2025) e Oikawa e Garcia (2021), apontam para a prevalência de transtornos de ansiedade generalizada e episódios depressivos maiores entre as vítimas. As consequências se manifestam também de forma psicossomática e comportamental. No plano físico, é comum o surgimento de patologias associadas ao estresse específico, como hipertensão, distúrbios gastrointestinais (gastrites, úlceras), enxaquecas e alterações drásticas no apetite e no peso.

No plano comportamental, conforme alertam Leão et al. (2018), ocorre um isolamento social progressivo: a vítima tende a se afastar de seus pares, abandonar atividades de lazer e negligenciar o autocuidado. O ambiente acadêmico, antes visto como espaço de realização, torna-se fonte de aversão, levando a comportamentos de evitação que culminam, muitas vezes, no abandono do curso ou da carreira científica, uma perda institucional de talentos que mascara a gravidade da expulsão psicológica sofrida.

Nos casos mais extremos, a desestabilização psíquica provocada pelo assédio moral pode evoluir para a ideação suicida e tentativa de autoextermínio. A sensação de "beco sem saída", gerada pelo poder institucional do agressor e pela conivência silenciosa da instituição, pode levar a vítima a um quadro de desesperança profunda. As pesquisas citadas, indicam que fatores históricos de humilhação pública, falta de apoio institucional e percepção de injustiça são preditores importantes para o risco de suicídio entre universitários, exigindo que as instituições de ensino superior tratem o assédio moral não apenas como uma infração administrativa, mas como um grave problema de saúde pública.

### **3. OBJETIVOS**

Objetivo Geral: Analisar como a cobrança acadêmica e as hierarquias de poder presentes na cultura universitária perpetuam práticas de violência.

Objetivos Específicos: Analisar de que modo as relações hierárquicas e a pressão institucional se materializam em práticas de violência simbólica e psicológica no cotidiano da graduação, identificar os principais impactos do assédio moral acadêmico na saúde mental, no rendimento e na permanência dos estudantes e compreender como a cultura acadêmica contribui para a naturalização dessas práticas, dificultando o reconhecimento e a denúncia das violências.

### **4. MÉTODO**

Esta pesquisa faz uso de dados provenientes do estudo mais amplo desenvolvido pela mestrandia Kézia Sousa Lima, sob o título "Saúde mental e vivências de assédio moral na universidade", orientado pelo Prof. Dr. Ronaldo Gomes-Souza. O projeto possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer CEP n° 78543624.7.00005020, estando em plena conformidade com as diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos.

Este recorte utiliza exclusivamente os dados oriundos das entrevistas semiestruturadas, realizadas com 67 estudantes de graduação, que compõem o corpus analisado neste estudo. Essas entrevistas abrangeram questões sobre vivências de violência, percepções sobre a cultura acadêmica e impactos na saúde mental. Esses participantes responderam a um roteiro de entrevista semiestruturada, cujas questões abordaram experiências de violência, estratégias de enfrentamento e percepções sobre o cuidado em saúde mental no contexto universitário, compondo o corpus desenvolvido neste estudo.

A contribuição específica deste recorte reside em aprofundar a compreensão das experiências, sentidos e percepções dos estudantes de graduação diante das práticas hierárquicas e da cultura institucional potencializadoras do assédio moral e do adoecimento psíquico.

Conforme Lösch et al. (2005, p. 3) “na abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória – ou estudo exploratório – tem o objetivo de conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou acontece no contexto em que está inserido”. O método qualitativo valoriza as narrativas sobre as vivências, considerando a subjetividade dos participantes e os contextos nos quais as práticas de violência e as respostas institucionais se realizam.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, gravadas em áudio e transcritas integralmente para análise. Um mesmo roteiro foi utilizado para todos os públicos, contemplando quatro questões norteadoras:

1. Compartilhe sua experiência (direta ou indireta) com assédio, discriminação ou outras formas de violência e como lidou com isso.
2. Quais ações ou hábitos considera essenciais para prevenir o adoecimento psíquico e promover saúde mental no cotidiano?
3. De que maneiras a universidade poderia melhorar seus esforços para prevenir problemas de saúde mental e promover o bem-estar da comunidade acadêmica?
4. Há algo não perguntado que você gostaria de acrescentar?

A escolha pela entrevista semiestruturada permitiu capturar com profundidade o significado atribuído às experiências, agregando riqueza e variedade aos dados, ao mesmo tempo garantindo comparabilidade entre os relatos.

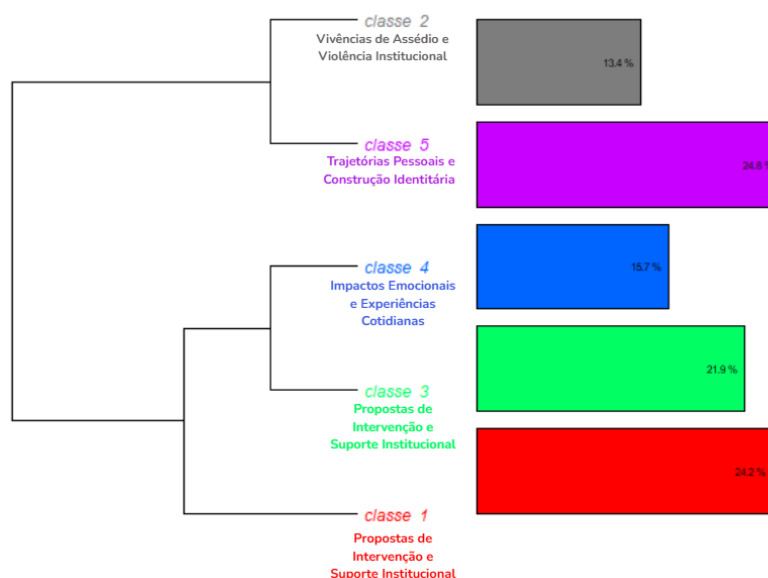
A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio do software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), uma ferramenta de análise textual que utiliza métodos estatísticos para identificar padrões e estruturas semânticas em corpus textuais (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Especificamente, foi aplicada a técnica de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), também conhecida como Método Reinert (REINERT, 1990), que permite identificar classes de segmentos de texto com vocabulário semelhante, revelando diferentes mundos lexicais presentes no corpus. O software realiza partições sucessivas do corpus até obter classes obtidas, utilizando o teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ) para avaliar a associação estatisticamente significativa entre palavras e classes (CAMARGO; JUSTO, 2013). Essa metodologia possibilita tanto uma análise lexical rigorosa quanto a recuperação do contexto em que as palavras ocorreram, integrando abordagens quantitativas e qualitativas na interpretação dos dados textuais.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) através do Iramuteq resultou na identificação de seis classes semânticas, com taxa de aproveitamento de 91,70% dos segmentos de texto (884 de 964 UCE), o que indica excelente estabilidade e consistência do corpus analisado.

**Figura 1.** Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente dos estudantes de graduação



Fonte: Elaboração própria, a partir do software Iramuteq (2025)

### **5.1 Classe 1: Autocuidado e Prevenção ao Adoecimento (13.35%).**

Esta classe agrupa discursos sobre práticas de autocuidado físico e mental como estratégias de resistência ao adoecimento provocado pela cultura acadêmica. As palavras mais significativas incluem: psíquico ( $\chi^2=130,7$ ), exercício ( $\chi^2=117,3$ ), hábito ( $\chi^2=117,3$ ), rotina ( $\chi^2=102,8$ ), adoecimento ( $\chi^2=102,8$ ), físico ( $\chi^2=102,5$ ), prevenção ( $\chi^2=78,6$ ), sono, corpo e ansiedade.

Os participantes enfatizam a importância de manter rotinas saudáveis como forma de preservar a saúde mental diante das cobranças acadêmicas e das situações de assédio. Práticas como exercícios físicos regulares, cuidado com o sono, alimentação adequada, momentos de lazer e busca por apoio psicológico aparecem como estratégias fundamentais de autocuidado.

Quando eu tenho alguma crise, principalmente por conta de ansiedade e essas coisas, eu gosto de dançar ou ir para a academia. Isso ajuda muito a minha saúde mental. É como se o corpo precisasse extravasar toda aquela tensão acumulada. Depois de uma boa sessão de exercícios, consigo pensar com mais clareza. (participante 07)

A prática de atividades físicas emerge como recurso de regulação emocional: o movimento corporal permite "extravasar toda aquela tensão acumulada", funciona como válvula de escape para o estresse psíquico. A expressão "pensar com mais clareza" evidencia que o exercício não apenas alivia sintomas, mas restaura capacidades cognitivas comprometidas pela ansiedade.

Diversos participantes mencionam também a importância do acompanhamento profissional, embora relatem dificuldades de acesso:

Eu faço terapia e isso tem me ajudado muito a lidar com a pressão da faculdade. Ter um espaço para falar sobre tudo que acontece, para entender meus sentimentos, é essencial. Mas eu sei que muitos colegas não têm como pagar terapia, e os serviços gratuitos da universidade são insuficientes. (participante 02)  
Não tenho como bancar um acompanhamento psicológico. Porém, quando vocês ouvirem ou se você souber de algo que é gratuito, eu teria muito interesse. Ou que é mais em conta, pelo menos assim uma consulta que seja menos de cem reais. (participante 12)

Apesar do contexto adverso, estudantes desenvolvem estratégias de resistência e enfrentamento ao adoecimento. Práticas de autocuidado, como a manutenção de rotinas saudáveis, exercícios físicos, busca por apoio psicológico e construção de redes de solidariedade entre pares, emergem como formas de preservação da saúde mental ( FIOROTTI et al., 2010). Conforme argumenta Dejours (1992), o adoecimento psíquico no trabalho (e, por extensão, no ambiente acadêmico) possui raízes estruturais e organizacionais que não podem ser resolvidas apenas através de esforços individuais. A ênfase no autocuidado não pode servir como justificativa para a omissão institucional.

A classe também revela a consciência dos estudantes sobre a relação entre o ambiente acadêmico e o adoecimento mental. Essa percepção é corroborada pela literatura, que evidencia negativa entre vivências acadêmicas negativas e indicadores de saúde mental (ARIÑO; BARDAGI, 2018). Muitos participantes reconhecem que a sobrecarga de atividades, as relações hierárquicas abusivas e a pressão por produtividade constituem fatores de risco significativos para a saúde mental.

Estudos recentes apontam que a sobrecarga de trabalho acadêmico, as expectativas elevadas, a competição intensa e a cultura da produtividade são fatores de risco consistentes para o envelhecimento psíquico de estudantes universitários (OLIVEIRA, 2023; DÂMASO et al., 2019), proporcionando a necessidade de transformações estruturais na cultura acadêmica.

## **5.2 Classe 2: Vivências de Assédio e Violência Institucional (17.76%).**

Esta classe constitui o núcleo central da pesquisa, reunindo relatos concretos de experiências de violência hierárquica no ambiente acadêmico. As palavras com maior associação estatística foram: assédio ( $\chi^2=261,1$ ), moral ( $\chi^2=140,1$ ), sexual ( $\chi^2=96,7$ ), violência ( $\chi^2=96,2$ ), discriminação ( $\chi^2=70,1$ ), situação, experiência, professor ( $\chi^2=49,6$ ), presenciar ( $\chi^2=49,6$ ), sofrer e vítima.

Os segmentos de texto desta classe revelam tanto experiências diretas de assédio quanto situações testemunhadas. Os participantes relatam humilhações públicas em sala de aula, comentários depreciativos sobre o desempenho acadêmico, exposição vexatória de notas, perseguições por parte de docentes, cobranças desproporcionais e discriminação baseada em gênero, orientação sexual, raça e classe social.

O depoimento do participante 01 exemplifica a naturalização da sobrecarga acadêmica como método pedagógico:

Este professor, habitualmente, sobrecarregava os alunos com muitos exercícios e passava avaliações logo após a aula sobre a própria aula, mesmo correndo risco que alguns alunos não tivessem entendido integralmente o conteúdo e fora do horário de suas aulas, desconsiderando compromissos e afazeres que eles tinham.

Este relato evidencia o que Hirigoyen (2008) caracteriza como assédio moral institucional: condutas abusivas reiteradas que desestabilizam emocionalmente a vítima através da imposição de demandas irrealizáveis. A desconsideração pelos "compromissos pessoais e acadêmicos" configura violação da dignidade estudantil, transformando a relação pedagógica em exercício arbitrário de dominação.

O Participante 36 amplia essa dimensão, relatando comportamentos que ultrapassam a esfera acadêmica:

Um professor que gostava de xingar, desrespeitar e maltratar os alunos. Não sei por que ele fazia isso, talvez apenas por prazer. Um exemplo foi quando ele ministrou uma aula online e alguns alunos chegaram com dois minutos de atraso. Ele não permitiu a entrada deles e passou a próxima meia hora apenas xingando os alunos que já estavam lá, criticando a impontualidade e criando argumentos aleatórios para reforçar sua postura.

A descrição de comportamentos sádicos ("talvez apenas por prazer") aponta para o que Hirigoyen (2005) denomina perversão narcísica: o agressor obtém satisfação psíquica através da humilhação do outro. A comparação dos trabalhos a "uma pilha de lixo" evidencia o desprezo institucionalizado pela figura estudantil e a transformação do espaço pedagógico em arena de violência simbólica.

Houve um caso em que um professor tratava mal os alunos em sala de aula a ponto de chamá-los de burros, não com eufemismo, mas usando exatamente a palavra burro. Ele sempre agia com um ar de superioridade e soberania dentro de sala, abusando da sua posição dentro da universidade. Por ser calouro, fiquei com receio de retaliação, apenas indignado com um sentimento muito grande de impotência. (participante 15)

A utilização de xingamentos diretos ("burros") configura violência simbólica (Bourdieu, 1998) e afronta à dignidade humana. O "ar de superioridade e soberania" revela o exercício arbitrário do poder institucional, enquanto o "receio de retaliação"

demonstra a assimetria de poder que caracteriza o assédio moral: a vítima não pode se defender sem arriscar represálias acadêmicas. A expressão "sentimento muito grande de impotência" sintetiza a experiência de desamparo institucional vivenciada por estudantes em posição subalterna.

Um aspecto central identificado é o papel de professores como principais perpetradores de assédio moral. A posição hierárquica docente, somada à ausência de mecanismos efetivos de responsabilização, cria um ambiente propício à violência institucional. Conforme apontado por Hirigoyen (2008), o assédio moral caracteriza-se pela reiteração de condutas hostis que visam desestabilizar emocionalmente a vítima, comprometendo sua dignidade e saúde mental. No contexto universitário, essa violência é agravada pela dependência acadêmica dos estudantes em relação aos docentes, que detêm poder de avaliação, aprovação e, muitas vezes, determinam a trajetória acadêmica futura.

A classe também evidencia a interseccionalidade das violências, com relatos de assédio sexual associado ao assédio moral, discriminação racial e LGBTfóbica, demonstrando que estudantes pertencentes a grupos minorizados enfrentam múltiplas formas de opressão no ambiente acadêmico.

### **5.3 Classe 3: Propostas de Intervenção e Suporte Institucional (12.90%).**

Esta classe agrupa sugestões e propostas de ações institucionais para o enfrentamento do assédio moral. As palavras mais representativas são: criar ( $\chi^2=122,7$ ), universidade ( $\chi^2=111,3$ ), promover ( $\chi^2=98,9$ ), espaço ( $\chi^2=89,8$ ), comunidade ( $\chi^2=61,2$ ), acadêmico ( $\chi^2=58,5$ ), palestra ( $\chi^2=53,7$ ), grupo, canal, bem-estar, saúde e mental.

Os discursos apontam para a necessidade urgente de criação de espaços institucionais de acolhimento e apoio aos estudantes. As propostas incluem: ampliação dos serviços de atenção psicológica, criação de canais de denúncia acessíveis e confidenciais, formação de grupos de apoio entre estudantes, realização de campanhas de conscientização sobre assédio moral, promoção de palestras e debates sobre saúde mental e relações de poder na universidade.

Acompanhamento psicológico, disponibilização acessível e viável pela universidade. Conscientização do impacto das atitudes dos professores nos alunos e como isso pode afetar a sociedade no geral visto que os universitários serão os futuros profissionais do país.  
(participante 01)

Poderia ampliar o projeto do psicólogo individual do acompanhamento. Tanto que não se visa um acompanhamento a longo prazo ou diagnósticos. O que é uma coisa muito difícil, porque para entrar na Ufam já demora. (participante 02)

As propostas convergem para a necessidade de ampliar quantitativamente e qualitativamente os serviços de apoio psicológico, enfatizando não apenas o tratamento (estudantes já adoecidos), mas a prevenção (criar condições para que o adoecimento não ocorra).

Os participantes também enfatizam a necessidade de responsabilização efetiva dos perpetradores de assédio. A impunidade é apontada como um dos principais fatores que perpetuam a violência hierárquica. Essa percepção corrobora os achados de Gomes (2019), que combina uma cultura institucional desfavorável à diversidade e uma discrepância entre normas formais e práticas efetivas. Propõe-se a criação de protocolos claros de investigação e proteção, garantindo-se o direito de defesa, mas também a proteção das vítimas, conforme recomendado as diretrizes do Programa de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio da UFES (2025), que estabelece como pilares fundamentais a prevenção, o acolhimento e a responsabilização, além do direito de defesa mas também a proteção das vítimas.

Deveria existir um combate mais fervoroso e intensificado ao assédio moral e sexual. [...] porque não há uma punição firme ou uma análise rigorosa. Nós, alunos, somos sempre as vítimas. [...] Quando um aluno faz uma denúncia na ouvidoria, não recebe a devida assistência. Mas quando um servidor abre um processo administrativo contra um aluno, logo vem uma notificação. (participante 10)

Abrir um canal funcional e anônimo de denúncia à professores que cometem assédio moral contra estudantes ou que atentam contra à saúde mental destes de alguma forma. (participante 01)

Outro aspecto relevante é a demanda por formação docente sobre ética e relações interpessoais no ambiente acadêmico. Muitos estudantes sugerem que professores e coordenadores recebam capacitação sobre práticas pedagógicas respeitadas, prevenção ao assédio e promoção de ambientes inclusivos.

Essas propostas dialogam com a literatura sobre cultura organizacional (Schein, 2010), que aponta a necessidade de mudanças nos valores e práticas institucionais para a construção de ambientes de trabalho (e estudos) saudáveis. A universidade, enquanto instituição social comprometida com a produção e

disseminação do conhecimento, deve ser exemplar na promoção de relações éticas e respeitadas.

#### **5.4 Classe 4: Impactos Emocionais e Experiências Cotidianas (19.80%).**

Esta é a segunda maior classe do corpus, contendo narrativas sobre o cotidiano acadêmico e seus impactos na dimensão emocional dos estudantes. As principais palavras associadas foram: ficar ( $\chi^2=55,8$ ), acabar ( $\chi^2=47,8$ ), acontecer ( $\chi^2=41,0$ ), medo ( $\chi^2=38,5$ ), chegar, conseguir, querer, reação ( $\chi^2=28,6$ ), aula ( $\chi^2=27,3$ ), sentir, cansado, chorar e sozinho.

Os relatos desta classe expressam os efeitos devastadores do assédio moral sobre o bem-estar psicológico dos estudantes. Sentimentos de medo permeiam as interações com docentes, gerando insegurança e inibindo a participação ativa nas aulas. O cansaço emocional aparece como consequência da tensão constante, do esforço para atender expectativas inalcançáveis e da vigilância permanente para evitar novas situações de humilhação.

O participante 10 descreve episódio de descompensação emocional aguda:

Eu fiquei muito mal, muito doente, sabe? Mentalmente, não é? Fiquei mal, eu não consegui ir para a universidade. E nesses episódios eu chorei dentro da sala do programa que eu participava, eu chorei muito, após uma situação bem constrangedora com o professor, eu me senti muito mal e comecei a chorar e eu não entendia porque eu estava chorando.

A expressão "carga tão grande mental" aponta para a saturação psíquica que caracteriza o esgotamento. Dejours (1992) descreve esse fenômeno como sofrimento patogênico: quando a organização do trabalho (ou, neste caso, do estudo) impõe demandas que excedem os recursos adaptativos do sujeito, produz-se adoecimento.

A Participante 03 relata a interrupção da trajetória acadêmica como estratégia de autopreservação:

Isso foi me deixando muito desanimada e acabou que devido a essas circunstâncias, eu perdi um ano do meu curso e decidi trancar todas as minhas matérias e foi muito triste porque me prejudicou não só no meu psicológico, porque eu fiquei com ansiedade e depressão, mas também no meu curso, não é? Atrasei um ano e isso foi muito prejudicial na minha parte acadêmica.

O trancamento total do curso constitui uma "fuga" psíquica da situação insuportável. Dejours (1992) descreve esse movimento como estratégia defensiva extrema: quando o ambiente se torna patogênico, o afastamento é a única forma de autopreservação. Contudo, essa "solução" implica prejuízos acadêmicos e reforço do sentimento de fracasso pessoal, configurando o que o autor denomina "dupla pena": a vítima sofre a violência e ainda é penalizada institucionalmente (atraso no curso, perda de vínculos acadêmicos).

A classe também revela a solidão vivenciada pelas vítimas de assédio. Muitos estudantes relataram sentir-se desamparados, sem saber a quem recorrer ou temendo não serem acreditados. Esse isolamento é agravado pela naturalização do autoritarismo docente na cultura acadêmica, que frequentemente responsabiliza as vítimas pelo abuso sofrido.

**5.5 Classe 5: Trajetórias Pessoais e Construção Identitária (12.44%).** Esta classe reúne histórias de vida e trajetórias pessoais que contextualizam as experiências na universidade. As palavras significativas incluem: tom ( $\chi^2=56,8$ ), falar ( $\chi^2=49,3$ ), mundo ( $\chi^2=49,2$ ), época ( $\chi^2=45,8$ ), crescer ( $\chi^2=41,7$ ), desconfortável ( $\chi^2=31,3$ ).

A análise desta classe revela que as experiências de assédio na graduação não são eventos isolados, mas parte de um continuum de violências que muitos estudantes vivenciam desde a infância e adolescência. Relatos de discriminação na escola, bullying, violências familiares e sociais relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual aparecem como antecedentes que intensificam a vulnerabilidade ao assédio no contexto universitário.

O participante 10 descreve o choque ao ingressar na universidade vindo da periferia:

Quando entrei na Ufam, vindo da periferia da Zona Leste, foi um choque cultural imenso. As pessoas falavam de referências que eu não conhecia, tinham vivências completamente diferentes das minhas. Me senti muito deslocado, como se não pertencesse àquele espaço. [...] Alguns professores faziam comentários que mostram que esperavam que todos tivessem tido acesso a escolas particulares, viagens, cursos de idiomas. Eu me sentia cada vez mais inadequado.

O "choque cultural" evidencia as desigualdades de capital cultural (Bourdieu, 1989) que marcam o acesso e a permanência na universidade. A pressuposição docente de que todos os estudantes compartilham um mesmo background

socioeconômico produz violência simbólica: naturaliza privilégios de classe como padrão universal, culpabilizando quem não se adequa.

Apesar das adversidades, os relatos também evidenciam a formação de vínculos solidários como estratégia de resistência:

Encontrei um grupo de amigos que também eram excluídos de alguma forma. A gente se apoiava, criava nossos próprios espaços de convivência. Isso foi fundamental para eu não desistir do curso. (participante 07)

A criação de "nossos próprios espaços de convivência" entre excluídos evidencia o que Dejours (1992) denomina estratégias coletivas de defesa: mecanismos grupais que permitem tolerar o sofrimento e preservar a saúde mental através da solidariedade.

A construção da identidade pessoal e profissional é profundamente afetada pelas experiências de violência hierárquica. Os estudantes relatam se reconhecer as dificuldades como pertencentes ao ambiente acadêmico, desenvolvendo sentimentos de inadequação e síndrome do impostor. Estudos recentes indicam que mais de 70% dos universitários brasileiros apresentam sintomas compatíveis com a especificidade do impostor, sendo este um preditor significativo de sintomas depressivos (DANTAS et al., 2025). Esses impactos são particularmente importantes para estudantes LGBTQIA+, negros, indígenas (DANTAS et al., 2025) e baixa renda, que enfrentam barreiras adicionais para afirmação de suas identidades em espaços historicamente elitizados.

**5.6 Classe 6: Questões de Gênero e Contextos Sócio-Familiares (23.75%).** Esta é a maior classe identificada, focando nas dimensões estruturais que permitem a violência hierárquica. As palavras mais associadas são: questão ( $\chi^2=49,4$ ), psicologia ( $\chi^2=47,3$ ), familiar ( $\chi^2=45,1$ ), ambiente ( $\chi^2=40,9$ ), pressão ( $\chi^2=30,1$ ), estudante ( $\chi^2=25,0$ ), importante ( $\chi^2=24,7$ ), diálogo, social, relação e acolhimento.

Os discursos desta classe discutem as relações de gênero como elemento central na compreensão do assédio moral. Estudantes mulheres, especialmente as que não se conformam a padrões tradicionais de feminilidade, relatam experiências frequentes de discriminação, desqualificação intelectual e assédio sexual. A intersecção entre gênero e outras categorias sociais (raça, classe, orientação

sexual) produz vulnerabilidades específicas que precisam ser consideradas nas políticas de enfrentamento ao assédio.

A participante 09 descreve discriminação de gênero em curso de engenharia:

Nós mulheres acabamos sofrendo muita discriminação em grande parte das áreas de engenharia. Por se tratar de uma área que é totalmente dominada por homens, as mulheres não têm tanto espaço. [...] Muitas vezes somos subestimadas, não levadas a sério, e quando conseguimos algo é como se fosse por sorte ou ajuda de terceiros, nunca por mérito próprio.

A participante 18 relata assédio moral atravessado por gênero:

Certa vez consegui algo de forma eficiente e eficaz, era uma atividade que estava parada, quando eu consegui, houve várias insinuações de que eu só havia conseguido por ser mulher e pelos envolvidos terem interesse em mim de forma maldosa.

A deslegitimação das competências femininas através da sexualização do êxito acadêmico configura violência de gênero estrutural. A conquista profissional é atribuída não à capacidade intelectual, mas à suposta manipulação sexual, perpetuando estereótipos misóginos que reduzem mulheres a corpos sexualizados.

Estudantes de baixa renda, que necessitam de estudos conciliares com trabalho, enfrentam cobranças acadêmicas que desconsideram suas condições materiais de existência. Ganam e Pinezi (2021) demonstra que a condição econômica mobiliza sofrimento e ameaça a permanência desses estudantes, enquanto Abreu (2020) identifica assimetrias econômicas, sociais e culturais como principais obstáculos enfrentados por jovens pobres em um universo acadêmico historicamente elitizado. Essa desigualdade estrutural é frequentemente ignorada ou minimizada pelos docentes, gerando situações de humilhação e exclusão.

Do ponto de vista teórico, essa classe dialoga diretamente com as análises de Bourdieu (1989) sobre o campo acadêmico e a reprodução das desigualdades sociais. A violência simbólica exercida através das hierarquias acadêmicas naturaliza desigualdades estruturais, apresentando-as como resultado de diferenças individuais de mérito ou competência.

Bourdieu (1989) demonstrou que a escola reproduz desigualdades sociais ao tratar como iguais sujeitos social e culturalmente desiguais. Na universidade, essa lógica se aprofunda: a pretensa "meritocracia acadêmica" mascara privilégios de

classe, raça e gênero, culpabilizando individualmente quem não se adequa ao padrão dominante (homem, branco, heterossexual, de classe média).

Chauí (2003) argumenta que a universidade como organização (orientada por critérios de eficiência e produtividade) substitui a universidade como instituição (orientada por valores democráticos e emancipatórios). Essa transformação produz ambientes competitivos e excludentes, nos quais as diferenças são convertidas em desvantagens competitivas, perpetuando hierarquias sociais.

As estratégias de resistência e enfrentamento mobilizadas pelos estudantes, embora importantes, não são suficientes para transformar a realidade institucional. É fundamental que uma universidade assuma sua responsabilidade na promoção de ambientes acadêmicos saudáveis, implementando políticas efetivas de prevenção, acolhimento e responsabilização. Nesse sentido, a construção de um sistema integrado de enfrentamento ao assédio moral exige, em primeiro lugar, a criação e regulamento de uma Política Institucional de Prevenção e Enfrentamento ao Assédio Moral, Sexual e Todas as Formas de Discriminação, com aplicação a todos os espaços físicos e virtuais da comunidade acadêmica.

Além da regulamentação formal, é necessária a melhoria das estruturas de acolhimento que garantam a vítima, escuta ativa, sigilo e segurança desde o primeiro contato. O Protocolo de Acolhimento Institucional, conforme previsto pela Controladoria-Geral da União (CGU) e já aprovado por diversas universidades federais, deve garantir espaços financeiros reservados, equipes capacitadas em comunicação não violenta e flexibilidade de atendimento (presencial, remoto, com acompanhamento de confiança). A universidade deve, ainda, oferecer apoio psicológico gratuito e contínuo às vítimas, reconhecendo que o trauma do assédio exige acompanhamento especializado de longo prazo e não pode ser reduzido a atendimentos pontuais.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os relatos dos participantes demonstram que o assédio moral na graduação manifesta-se através de práticas diversificadas, desde humilhações públicas e desqualificação intelectual até perseguições acadêmicas e discriminações baseadas em gênero, raça, orientação sexual e classe social. Os docentes aparecem como principais perpetradores dessas violências, o que aponta para a necessidade

urgente de reflexão sobre o exercício da autoridade pedagógica e os limites éticos das relações professor-aluno.

As exigências acadêmicas intensas, a competitividade entre pares, as incertezas quanto ao futuro profissional e as relações hierárquicas assimétricas com docentes constituem fatores de risco significativos. Quando essas pressões se somam a experiências de violência psicológica, como o assédio moral, os impactos na saúde mental tornam-se ainda mais severos.

A pesquisa também revelou que estudantes pertencentes a grupos historicamente minorizados, mulheres, pessoas LGBTQIA+, negros, indígenas e de baixa renda, enfrentam vulnerabilidades adicionais, sendo alvo de violências interseccionais que combinam assédio moral, discriminação e exclusão. Essa constatação reforça a necessidade de abordagens interseccionais nas políticas de enfrentamento ao assédio, considerando as especificidades das experiências de diferentes grupos sociais.

Diante do exposto, conclui-se que o assédio moral na universidade não deve ser compreendido como um fator isolado ou fruto apenas de desvios de conduta individuais, mas sim como sintoma de uma cultura institucional que, muitas vezes, naturaliza a violência em nome do rigor acadêmico e da produtividade. onde a violência ocorre para tornar-se agente ativo de sua prevenção, assumindo a responsabilidade de garantir condições dignas de ensino, pesquisa e convivência.

Enfrentar o assédio moral é defender a própria função social da universidade pública como espaço de formação humanística, criticidade. Não há produção de conhecimento libertador em corpos e mentes submetidas ao medo e à humilhação. Espera-se que esta pesquisa contribua para dar visibilidade às violências silenciadas no cotidiano acadêmico e sirva de subsídio para a construção de políticas institucionais mais justas, que reconheçam a saúde mental e o respeito à dignidade humana como funções inegociáveis para a excelência acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. K. A.; XIMENES, V. M. Permanência de estudantes pobres nas universidades públicas brasileiras: uma revisão sistemática. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 50, p. 18-29, jun. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-6975202000010003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-6975202000010003&lng=pt&nrm=iso).

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa*, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24879/2018001200300544>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. 2. ed. Tradução: F. Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 2, p. 513-518, 2013. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>.

CARDOSO JR., J. C.; SILVA, F. A. B. da; AGUIAR, M. F. de; SANDIM, T. L. Assédio institucional no Brasil: avanço do autoritarismo e desconstrução do Estado. Brasília: Afipea-Sindical; Campina Grande: EDUEPB, 2022.

CAVALCANTE, A. F.; SILVA, A. L. A. da; PRADERA, G.; SILVA, P. V. da. Sob pressão e silêncio: assédio moral velado em uma universidade pública do Centro-Oeste brasileiro. *Aracê*, v. 7, n. 5, p. 21826–21837, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n5-050>. Acesso em: 21 nov. 2025.

CHAUÍ, M. Escritos sobre a universidade. São Paulo: UNESP, 2001. Edição Kindle.

DÂMASO, J. G. B. et al. É muita pressão! Percepções sobre o desgaste mental entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 2, p. 29-41, jul./dez. 2019.

DANTAS, L. M. G. L.; BARBOSA, A. M. G.; DANTAS, E. C. O.; SILVA, J. M. D.; SILVA, P. G. N. Fenômeno do impostor e sintomas depressivos em estudantes universitários do interior do Piauí. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 65, p. 385-405, 2025.

DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, M. E.; HELOANI, J. R.; BARRETO, M. *Assédio moral no trabalho*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

GALVÃO DA SILVA, J.; OLIVEIRA, M. J.; GALVÃO DA SILVA, L. F.; DEHON DA SILVA, L. F.; MURAD, E. L.; COSTA JÚNIOR, V. A. O impacto do assédio moral e sexual na saúde mental dos trabalhadores. In: *Saúde Mental no Século XXI: Diagnósticos, Tratamentos e Inovações*, p. 20-29, fev. 2025.

GANAM, E. A. S.; PINEZI, A. K. M. Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*, v. 37, p. e228757, 2021.

GOMES, L. F. G. O assédio moral no contexto universitário. *Psicologia em Pesquisa*, Minas Gerais, v. 1, p. 1-17, maio 2019.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Acesso em: 21 nov. 2025.

HIRIGOYEN, M.-F. *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

LEÃO, A. M.; GOMES, I. P.; FERREIRA, M. J. M.; CAVALCANTI, L. P. G. Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 42, n. 4, p. 55-65, 2018.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 18, n. 00, e023141, 2023.

MAITO, D. C.; PANÚNCIO-PINTO, M. P.; VIEIRA, E. M. Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, p. e220105, 2022.

MENDES, A. M. *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

NUNES, T. S. *A influência da cultura organizacional na ocorrência de assédio moral no trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina*. 2016. 432 f. Tese

(Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

OIKAWA, F. M.; GARCIA, M. R. V. Sofrimento psíquico e assédio moral no contexto universitário. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 73, n. 1, p. 19-33, abr. 2021. Acesso em: 25 nov. 2025.

OLIVEIRA, R. A.; VÉRAS, R. M. Bem-estar psicológico de estudantes universitários: fatores de risco, proteção e estratégias de cuidado. *Aprender*, n. 30, p. 137-158, jul./dez. 2023.

REINERT, M. ALCESTE, uma metodologia de análise de dados textuais e uma aplicação: Aurélia de G. de Nerval. *Boletim de Méthodologie Sociologique*, v. 24-54, 1990.

ROSA, T. B. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e disciplinar. *Revista Sem Aspas*, v. 1, p. 3-12, 2017.

SCHEIN, E. H. *Cultura organizacional e liderança*. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, S. A.; RÊGO, Y. A. L. O adoecimento discente frente às demandas da graduação. 2021. 76 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES). Programa e Plano de Prevenção e de Enfrentamento do Assédio e de Discriminação no âmbito da Ufes. Vitória: UFES, 2025.